Felicidade e Sensação

um exercício lógico-filosófico

Vamos, inicialmente, nos lembrar do caso de Bento e de nossa pergunta sobre se ele foi ou não feliz.

É possível nos enganarmos sobre se somos felizes ou não?

o caso de Bento e Capitu

Eu sei que muitas vezes julgamos mal o que nos fará felizes ou não. Por exemplo, suponha que eu ganhe um bom dinheiro em um sorteio e na dúvida entre gastá-lo passando férias na Europa ou comprando um carro novo, eu decida pelo carro. Aí, depois de um mês, eu percebo que a única felicidade que o carro me traz é que, sozinho, ao seu volante e preso ao trânsito, passo horas e horas sonhando com a Europa… Neste caso, eu apenas decidi errado sobre o que me faria mais feliz. Mas minha pergunta é outra. Minha pergunta é sobre se é ou não é possível eu ser feliz sem ter ciência de minha própria felicidade, ou ser miseravelmente infeliz e, ao mesmo tempo, acreditar, sentir que sou feliz.

Imagine a seguinte situação: Bento e Capitu conheceram-se, noivaram e casaram. Eles sempre se deram bem, viveram uma vida calma, repleta de realizações pessoais e profissionais, com saúde e estabilidade econômica. Nunca brigaram. Mesmo com o temperamento um tanto controlador de Bento, comum para os homens de sua geração, ele nunca percebeu qualquer motivo para sequer sentir ciúmes de Capitu. Depois de mais de 55 anos de casados, Capitu morre dormindo, sem sofrimentos. Alguns dias depois, ainda um pouco abalado, mas já resignado, afinal eles tiveram muitos anos muito bons, Bento encontra um baú repleto de cartas que revelam que Capitu, durante mais de 55 anos, manteve um caso extraconjugal com Escobar, o melhor amigo de Bento. As cartas revelam detalhes íntimos dos amantes, e também que todo o amor e afeição que Bento sinceramente julgava receber tanto de sua esposa Capitu quanto de seu amigo Escobar eram apenas uma fria estratégia de ambos para que continuassem próximos um do outro e mantivessem o caso ativo. O golpe foi tão duro que o coração de Bento não aguentou. Ele morreu naquele mesmo dia, não muitas horas após a descoberta dos fatos. Pensemos um pouco na situação de Bento. Ele viveu 80 anos realizado, tendo a sensação da mais serena felicidade. No último dia de sua vida ele obtém notícias que o informam de que as bases segundo as quais ele se julgava feliz eram incorretas. Diante destas novas informações, todos os momentos de sua vida que ele julgava terem sido momentos felizes, perderam o caráter de felicidade. O amor de sua esposa e a afeição de seu amigo, que por anos nutriram seu bem estar, não eram amor nem afeição, mas apenas comportamento interessado e calculado. Bento viveu 80 anos tendo a sensação de ser feliz e algumas horas sentindo-se o mais infeliz dos mortais. Bem, acho que você já sabe qual é a pergunta que vou fazer agora. Esta é a pergunta mais difícil sobre a qual eu já pensei. E não consigo imaginar nenhuma outra mais difícil do que esta. A pergunta é: Afinal, Bento teve ou não uma vida feliz? Eu tenho uma resposta para esta pergunta, mas não vou dizê-la porque eu não sei justificá-la. Minha resposta não é, por isso, filosófica, é apenas o que eu acho. Mas o que eu acho sobre a felicidade de Bento pouco importa. O importante é o que você acha!

Vamos agora refletir sobre o seguinte argumento da lógica silogística:

Argumento 1

	Todos que se sentem felizes experimentam uma sensação	Felicidade é uma sensação
	Ninguém que experimenta uma sensação está enganado sobre o que está experimentando.	
∴	Ninguém que se sente feliz está enganado sobre o que está experimentando.	

	Todo $\underline{F}^*$ é S	Argumento 1 é Válido
	Nenhum $\underline{S}^*$ é $\underline{E}^*$	
∴	Nenhum $\underline{F}$ é $\underline{E}$	

O teste estrela acima mostra que argumento 1 é válido. Veja come ele foi inserido no argumento 2 abaixo como a sua segunda premissa (P2). Note também que a **validade** do argumento 1 garante a **verdade** da premissa P2 abaixo. Você sabe dizer por que? Pense na definição de argumento válido e na tabela de verdade para uma sentença condicional (A ⊃ B).

Argumento 2

P1	Se a felicidade é uma sensação, então todos que se sentem felizes estão experimentando uma sensação.
P2	Se todos que se sentem felizes estão experimentando uma sensação e ninguém que experimenta uma sensação está enganado sobre o que está experimentando, então ninguém que se sente feliz está enganado sobre o que está experimentando.
P3	Se ninguém que se sente feliz está enganado sobre o que está experimentando e Bento viveu muito mais tempo sentindo-se feliz do que sentindo-se infeliz, então Bento teve uma vida feliz.
P4	Ninguém que experimenta uma sensação está enganado sobre o que está experimentando.
P5	Bento viveu muito mais tempo sentindo-se feliz do que sentindo-se infeliz.
∴	Se Bento não teve uma vida feliz, então a felicidade não é uma sensação.

T – A felicidade é uma sensação.
S – Todos que se sentem felizes estão experimentando uma sensação.
E – Ninguém que experimenta uma sensação está enganado sobre o que está experimentando.
F – Ninguém que se sente feliz está enganado sobre o que está experimentando.
B – Bento viveu muito mais tempo sentindo-se feliz do que sentindo-se infeliz.
V – Bento teve uma vida feliz.

P1	(T ⊃ S)
P2	((S ∧ E) ⊃ F)
P3	((F ∧ B) ⊃ V)
P4	E
P5	B
∴	(~V ⊃ ~T)

Formalizamos o argumento 2 utilizando as letras indicadas acima. Estude esta formalização e veja se você a entende e concorda com ela. É importante entender e dominar a técnica de formalização de argumentos. Sem isso a lógica é apenas um jogo simbólico. Ela só nos ajudará a fazer e avaliar inferências interessantes quando soubermos traduzir os argumentos reais, escritos ou falados em língua natural, para as linguagens formalizadas da lógica.

Repare que a formalização do argumento 2 tem 6 letras. Então se fôssemos fazer sua tabela de verdade ela teria 2^6 linhas, ou seja, 64 linhas. Felizmente podemos aplicar o teste da atribuição de valores de verdade e poupar bastante trabalho aqui.

Provando a validade do Argumento 2 com o teste da atribuição de valores de verdade:

P1	$(T^1 \supset S^?) \quad =1$	$(1 \supset S)=1 \rightarrow S=1$	
P2	$((S^1 \wedge E^1) \supset F^?) \quad =1$	$((1 \wedge 1) \supset F)=1 \rightarrow (1 \supset F)=1 \rightarrow F=1$	
P3	$((F^1 \wedge B^1) \supset V^0) \quad =1$	$((1 \wedge 1) \supset 0)=1 \rightarrow (1 \supset 0)=0 \rightarrow 0 \neq 1 \rightarrow$	VÁLIDO
P4	$E^1 \quad =1$	$E=1$	
P5	$B^1 \quad =1$	$B=1$	
∴	$(\sim V^0 \supset \sim T^1) \quad =0$	$\sim V=1$ e $\sim T=0 \rightarrow V=0$ e $T=1$	

O argumento é válido porque o teste acima mostrou que não é possível que todas as premissas do argumento sejam verdadeiras e sua conclusão falsa. Não há valores possíveis para as letras do argumento que nos levem a esta situação. Nossa tentativa de fazer isso nos levou a uma situação contraditória, onde a premissa 3 é tanto verdadeira (1) quanto falsa (0), o que é impossível.

Vamos agora refletir um pouco e nos convencermos de que todas as premissas do argumento 2 são verdadeiras. Veja abaixo as justificativas para a verdade das premissas do argumento 2.

P1	Se a felicidade é uma sensação, então todos que se sentem felizes estão experimentando uma sensação.	Verdadeira por causa apenas do significado das palavras. Esta sentença é analítica.
P2	Se todos que se sentem felizes estão experimentando uma sensação e ninguém que experimenta uma sensação está enganado sobre o que está experimentando, então ninguém que se sente feliz está enganado sobre o que está experimentando.	Verdadeira porque o argumento 1 é válido. Pense sobre isso. É importante!!
P3	Se ninguém que se sente feliz está enganado sobre o que está experimentando e Bento viveu muito mais tempo sentindo-se feliz do que sentindo-se infeliz, então Bento teve uma vida feliz.	Verdade óbvia. Por exemplo, se passei a maior parte de minha vida sentindo dor, e nunca nos enganamos sobre se estamos com dor ou não, então é claro que tive uma vida dolorida.
P4	Ninguém que experimenta uma sensação está enganado sobre o que está experimentando.	Verdadeira em virtude dos fatos. Por exemplo, o elefante azul que estou vendo à minha esquerda pode até ser irreal, fruto de alucinação, no entanto, se o estou vendo, não posso estar enganado sobre estar tendo esta sensação visual.
P5	Bento viveu muito mais tempo sentindo-se feliz do que sentindo-se infeliz.	Verdadeira em nossa estória (experiência de pensamento) descrita acima.

Mas se, como vimos, o argumento 2 é válido e, além disso, todas as suas premissas são verdadeiras, então, pela definição de validade, sua conclusão também é verdadeira. Ou seja, o argumento 2 é um argumento **correto**, um argumento que comprova a **verdade** de sua conclusão. E a conclusão do argumento 2 é:

Se Bento não teve uma vida feliz, então a felicidade não é uma sensação.	(~V ⊃ ~T)

Se esta sentença condicional é verdadeira, não pode ocorrer de seu antecedente ser verdadeiro e seu consequente ser falso, pois este é o único caso em que um condicional é falso. Então, a verdade da conclusão do argumento 2 nos permite concluir que:

> Qualquer um que considere que Bento não teve uma vida feliz deve rejeitar a tese de de que a felicidade é uma sensação.
> (quem aceita ~V deve rejeitar T, ou seja, deve aceitar ~T)

Dito de outro modo:

> A tese de que a felicidade é uma sensação é incompatível com o juízo de que Bento não teve uma vida feliz.

Nós talvez nunca possamos saber de um modo inquestionável (unânime) o que é a felicidade. Mas isso não nos impede de ter uma opinião sobre se Bento teve ou não uma vida feliz. Eu tenho uma opinião sobre a vida de Bento e aposto que você também tem uma. Nós temos uma inclinação emocional a emitir juízos que classificam vidas, situações, pessoas,... como felizes ou infelizes, independentemente de nos sentirmos totalmente seguros sobre se sabemos exatamente o que é a felicidade.

Nosso exercício nos fez concluir com bastante segurança que a **tese filosófica** de que a felicidade é uma sensação é incompatível com o juízo de que Bento não teve uma vida feliz. A Filosofia não consegue ir muito além deste tipo de conclusão. Afinal de contas, onde é que podemos obter este tipo de conhecimento que chamamos de filosófico? Onde é que podemos buscar a resposta à pergunta sobre o que é a felicidade? Eu não acredito que haja um lugar, abstrato, especial, alcançável pela razão especulativa e contemplativa em que as respostas às perguntas filosóficas são obtidas. Não. Eu acho que a filosofia é muito mais mundana e devemos buscar suas respostas nos nossos próprios usos dos conceitos filosóficos. Os conceitos, que são a única matéria-prima da filosofia, são o que nós, coletivamente, fazemos deles. Eu só vou começar a entender o que é a felicidade quando eu começar a entender as minhas (e as nossas) inclinações intuitivas para julgar as mais diversas situações (vidas, pessoas,...) como felizes ou infelizes.

Nosso exercício lógico-filosófico nos ensinou, então, que qualquer um que tenha a inclinação para julgar que Bento não teve uma vida feliz, não considera que a felicidade seja uma sensação, como o são dor, frio, cócegas, ou (talvez) alegria. Se quisermos saber o que é (para nós, ou talvez para a maioria das pessoas) a felicidade temos que continuar fazendo estes exercícios. Coletar ou imaginar outras situações nas quais possamos emitir um juízo sobre se alguém foi feliz ou não e aprender com nossos juízos. Dar-lhes estrutura e consistência. A lógica, a intuição, a imaginação, a análise e a linguagem são nossos únicos instrumentos filosóficos.

Ah! Um último esclarecimento. Minha tese sobre onde devemos procurar respostas para as perguntas filosóficas é, ela própria, uma tese filosófica. Ela não é originalmente minha. Muitos filósofos a defendem e muitos outros discordam veementemente dela. Paciência, a filosofia é assim mesmo! Mas isso não é importante. O importante é se **você** concorda com ela ou discorda dela, e por que!